



rumores e ruídos

<http://mapadecultura.rj.gov.br>

Já acessaram? A Secretaria de Estado de Cultura, com o fomento da Petrobras, realizou um projeto de mapeamento das manifestações artístico-culturais dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro. Jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas embrenharam-se em 4 caravanas de 30 dias cada para levantar, registrar e documentar a diversidade cultural do estado, como forma também de alimentar a elaboração futura de um Estatuto da Cultura, segundo a secretária Adriana Rattes.

O resultado desse projeto pode ser conferido no endereço acima que conta com um acervo de mais de duas mil laudas de texto, sete mil fotos e 92 vídeos resultante da catalogação realizada entre os meses de novembro de 2011 e abril de 2012. Essa enciclopédia digital talvez pretenda, como as caravanas modernistas capitaneadas por Mario de Andrade, “(re)descobrir” a região fluminense ou construir uma representação mais plural de suas culturas particulares.

Concordo com o poeta quando diz em “Descobrimento” e “Acalanto do seringueiro” que está cansado de ver por tabela, sentir pelo que lhe contam, abancado à escrivaninha de sua casa, oprimido pelo despotismo dos livros. É preciso conhecer de perto para traçar projetos. E, nesse sentido, a ideia é louvável e dinâmica, está em construção e permite atualizações feitas a partir da colaboração franqueada a todos. Vamos lá!

O portal possui um menu de entrada dividido em sete categorias: espaços culturais, agenda fixa, gente, patrimônio material, patrimônio imaterial, destaques e outras atrações. Penso que foram estas as formas prioritárias de catalogação do que o projeto entendeu por “cultura popular do interior fluminense”. Tais informações fazem parte da apresentação do mapa. Precária e limitada a apresentação. Não há, em momento algum, uma breve explicitação do que se entenda por cultura popular, patrimônio imaterial e bens tombados, por exemplo. Estas conceituações são fundamentais para um portal que se



pretende uma enciclopédia para informação e pesquisa de qualquer cidadão. Todo trabalho de catalogação, ainda que não seja para fins antológicos, deve esclarecer seus princípios de elaboração. Parece-me que, na fase atual, essas questões deixaram muito a desejar.

As buscas podem ser realizadas pelas “categorias” descritas no menu; em buscas avançadas, combinando município e “categoria” ou por “palavras-chave” dispostas em ordem alfabética que incluem, por exemplo: arquitetura, artes plásticas, bem tombado, cinema, fazenda, folia de reis, gastronomia, literatura, memória, música, patrimônio natural, personagem, teatro. Aí surgem muitas curiosidades, descobertas, dúvidas e incongruências. É navegação para um bom tempo! Fiz apenas pequenas rotas, movida por interesses focados.

Meu percurso inicial foi pelo patrimônio imaterial, muito em função da minha falta de clareza classificatória. Nesta categoria, há, por exemplo, as serestas de Conservatória, os Canarinhos de Petrópolis, a Folia de Reis de Valença, o Boi Carinhoso de São Fidélis, Leonides Provezi, dona Lolita, de Porto Real, as rezadeiras de Trajano de Moraes, a Sociedade Musical Lira dos Conspiradores de Macaé, o Jongo do Quilombo de Barrinha, de São Francisco de Itabapoana.

Não seria, pois, interessante que o leigo pudesse entender melhor por que uma pessoa, um grupo, uma sociedade ou um “boi” são patrimônios imateriais? Pode parecer lógico, mas talvez não o seja para todos. Nos cruzamentos, percebe-se, por exemplo, que dona Lolita está catalogada como gente e patrimônio imaterial. A senhora de 81 anos é a memória não só do clã familiar de ascendência italiana como de todos os demais núcleos da cidade. Se fizermos uma busca pela palavra-chave “memória”, nós também a localizaremos lá, já que o que a faz ser “cultura” é o fato de ser a guardiã da memória. E assim podemos roteirizar nossas pesquisas ou fazê-las aleatoriamente ao sabor da curiosidade.

Como os bens tombados podem ser materiais ou imateriais, insisto na necessidade de esclarecimentos. As dunas do Perú em Cabo Frio estão





categorizadas como “outras atrações” e “bens tombados” pelo INEPAC. Ora, não seria nenhum esforço além comentar que não apenas um patrimônio material - como o nosso Liceu de Humanidades – pode ser tombado, uma entidade como a Sociedade Musical Lira dos Conspiradores de Macaé também pode.

Sem querer incorrer em omissões, numa rápida visita, relaciono parte do que encontrei na “categoria Destaques” em Campos: a Companhia de Arte Persona, a bateria Mirim do Ururau da Lapa, a livraria Ao Livro Verde, o Centro Cultural de Campos e a ONG Orquestrando a Vida. Estão lá também, em outras categorias ou no cruzamento delas, Osório Peixoto, José Cândido de Carvalho, Alberto Lamego, Álvaro Barcelos, Did Hauaji, Geraldo Gamboa, Michel Haddad, Wilson Batista, Pauline Pessanha.

O que não dá para entender é por que a atriz Nívea Stelmann, nascida em Paraíba do Sul, está relacionada no portal. Apenas a condição de atriz a habilita? E por que o Rio Paraíba do Sul está vinculado apenas ao município de Duas Barras?